

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium tri-
umphii Ecclesiae... in Christo Jesu.

ID. 13. 14.

SUMMARIO

A nossa consuada, por
Teixeira de Freitas; *Appro-
vação da Historia verdadeira
da Inquisição*, pelo Exc.^{mo} e Rev.^{mo}
Snr Bispo do Funchal; *Pastoral
de S. Exc.^a Rev.^{mo} o Sr. Archebis-
po de Goa Primaz do Oriente*, acom-
panhando a Encyclica do Santissimo
Padre Leão XIII contra a maçonaria;
*Provisão do Exc.^{mo} e Rev.^{mo}
Snr. D. Antonio Ayres de Gouvea,
Bispo de Bethesaida dirigida ao Epis-
copado portuguez* — *Secção Re-
ligiosa*: Mantemos sempre! Pelo
Padre Senna Freitas; *Sagração de
S. Exc.^a Rev.^{mo} o Sr. Archebispo de
Myltene*, pelo Padre J. A. T. N. —
Secção critica: Os nossos bispos
e a maçonaria, por Elias de Sam-
pão — *Secção illustrada*: A
Torre de Belem; H. O convento de
Loyola, por R. — *Secção littera-
ria*: Ainda S. Damaz, poesia, por
Alfredo Antonio Teixeira Ribeiro —
Retrospecto da quinzeza, por
J. de Freitas.



A TORRE DE BELEM

GUIMARÃES 30 DE DEZEMBRO DE 1884

A nossa consuada

TAMBEM a tivemos, louvo-
res a Deus.

Quando por toda a parte se
festeja o nascimento do Menino
Deus; quando as galas mais pom-
posas se estendem por todo o
mundo catholico para solenni-
sar a dacta mais gloriosa, mais
notavel, mais digna de reme-
morar-se, que marcam os annos
de todos os seculos e de todos
os povos, não podiamos nós,
em meio da humildade que nos
serca e da boa vontade que

nos anima, ser esquecidos com-
pletamente.

E não fomos, mercê de Deus.
Com a approvação e recom-
mandação da *Historia verda-
deira da Inquisição*, obra que
fizemos traduzir e publicar em
portugal, dignou-se S. Exc.^a
Rev.^{mo} o Snr. D. Manuel Agos-
tinho Barreto, illustrado e vir-
tuosissimo Bispo da Madeira,
enviar-nos a Sua Benção.

Recebemol-a de joelhos e de
joelhos agradecemos ao vene-
rando Apostolo do Funchal a
graça recebida; e já que de joe-
lhões nos achamos, não nos e-
vantaremos sem rogar a nosso

Senhor, que dilate por largos
annos a vida de tão apostolico
Prelado, para que a Igreja seja
exaltada, a Religião ensinada e
a hydra maldita do protestan-
tismo, esmagada em terras da
Madeira, pelo digno descendente
d'Aquelles que pela Fé e pelo
nome santissimo de Jesus, der-
ramaram seu sangue.

Na pagina seguinte copiamos
a honrosa Provisão, e o origi-
nal fica archivado no sanctua-
rio da familia, onde, como já
temos dito, archivamos as nos-
sas immerecidas condecorações.

Teixeira de Freitas.

Approvação da Historia verdadeira da Inquisição pelo Ex.^{mo} e Revd.^{mo} Sr. Bispo do Funchal

Dom Manuel Agostinho Barreto, por merecimento de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Funchal (Ilha da Madeira), Prelado domestico de S. Santidade, do conselho d'El-Rei de Portugal, etc., etc.

O TRIBUNAL do Santo Officio, estabelecido outr'ora em Hespanha e Portugal a instancias dos respectivos monarchas, e por voto quasi unanime dos habitantes d'estes paizes, tem sido vasto assumpto de critica severa contra a Igreja. Os escriptores modernos, influenciados pela ideia revolucionaria, e portanto inimigos declarados de tudo quanto do tempo passado lhes recorde algum obice á livre expansão do pensamento, tem-se expraado em censuras acrimoniosas e nem sempre justas contra a Inquisição. Os factos tem sido desfigurados, as pessoas calumniadas e as instituições cobertas de ignominia. A historia tem sido escripta em grande parte por mãos inimigas e sob o influxo de ideias anti-religiosas. Por isso a só palavra «Inquisição» é de um terrivel effeito nos espiritos e, para a maioria dos nossos coevos, um phantasma horrivel, que recorda quanto de mais ominoso, injusto e cruel pôde imaginar-se.

Mas um tal conceito está muito longe de ser verdadeiro, pois nem pôde basear-se na instituição genuina, tal como foi creada e concedida pelos Pontífices Romanos, nem ainda nas ideias do tempo, nem sequer nos factos em globo. Quando muito poderia este horror pelo tribunal da Inquisição fundamentar-se n'um ou n'outro facto isolado, que deve considerar-se abuso, e sob a influencia, por vezes preponderante, do poder civil, que não raro tentou intrometer-se nos tribunaes do Santo officio. O que, porém, é indubitavel, é que a Peninsula deve á Inquisição o ter sido liberta das terriveis luctas religiosas que assolaram os outros paizes da

Europa nos seculos passados, é que a Peninsula foi n'esse periodo de uma paz no interior e de uma força e poderio no exterior taes, que nenhuma outra nação pôde disputar-lhe a palma nas conquistas e descobertas de novos mundos, e nem ao menos acompanhá-la de perto.

A Peninsula ficou tambem (é este seguramente o primeiro titulo de gloria e de respeito para o Santo Officio) de todo izenta do monstro terrivel da heresia, que foi o flagello mais cruel dos outros povos da Europa.

Quando, pois, se nos deparou um livro que se occupava da Inquisição com verdade e com justiça, sentimos viva satisfação e applaudimos cordealmente essa propaganda em nosso paiz. Esse livro é A HISTORIA VERDADEIRA DA INQUISIÇÃO, escripto em lingua hespanhola pelo Sr. D. Francisco Xavier Garcia Rodrigo, traduzida em portuguez pelo reverendo Padre Manuel José Gonçalves Preza, e editado pelo já bem conhecido editor catholico, Sr. Teixeira de Freitas.

Agora, porém, que está já feita segunda edição portugueza d'esta obra, maior é nossa alegria por ser um claro indicio da boa acceitação do livro e dos salutaros fructos que de sua leitura hão de colher os fieis.

Approvamos por isso de toda a nossa alma esta boa obra historico-religiosa e muito a recomendamos a nossos caros diocesanos. Temos fé que assim serão dissipados tristes preconceitos e graves erros, que se tornaram geraes, prejudicando grandemente as crenças sinceras do povo catholico como arma insidiosa de combate contra a Santa Igreja, nossa mestra e carinhosa mãe.

Ao catholico e sollicito editor enviamos nossas felicitações e nossa Benção.

Dada n'esta residencia Episcopal da Penha de França aos 19 de novembro de 1884.

✠ Manuel, Bispo do Funchal.

~*~*~*~

Pastoral de S. Ex.^a Revd.^{ma} o Sr. Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente acompanhando a Encyclica do Nosso Santo Padre Leão XIII contra a maçonaria.

D. ANTONIO SEBASTIÃO VALENTE, por merecimento de Deus e da Santa Sé Apostolica, Arcebispo Metropolitano de Goa, Primaz do Oriente, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, etc, etc.

Ao clero e mais fieis da Nossa Archidiocese e das missões do Real Padroado sujeitas á Nossa jurisdição delegada, Paz e Benção em Nosso Senhor Jesus Christo.

Em cumprimento do Nosso dever pastoral, vos damos hoje, amados irmãos e filhos em Jesus Christo, o conhecimento official da Encyclica *Humanum genus* contra as sociedades secretas, que o Pae commun dos fieis e Doutor universal, com summa providencia e grande sabedoria, dirigiu no ultimo abril a todos os Bispos em communhão com a Santa Sé Apostolica.

Como vereis n'este notabilissimo documento, o grande Leão XIII pugna de modo eminente pela defeza dos interesses religiosos e sociaes, consoante o que já fizera nas outras suas immortaes Encyclicas e Constituições; expõe com admiravel lucidez a natureza da maçonaria, centro das mais sociedades secretas, os seus fins e meios de acção, o seu antagonismo com a Igreja Catholica, nossa Mãe, as suas doutrinas dissolventes na ordem religiosa e na ordem social; recapitula os actos pontificios anteriores contra a mencionada sociedade, confirmando-os e ratificando-os com a plenitude da auctoridade apostolica, em que se acha investido; e indica por fim alguns dos meios efficazes, que convém empregar na defeza da Igreja e do Estado contra a perniciosa influencia dos actos e doutrinas maçonicas. Entre estes meios figuram a educação religiosa da mocidade e a oração feita no verdadeiro espirito do christianismo, que Nós sem cessar vos temos recommendado, carissimos cooperadores, quer nas Nossas

cartas, quer por occasião das nossas visitas pastoraes.

Posteriormente á publicação da Encyclica *Humanum genus*, Sua Santidade, n'uma instrução especial aos Bispos do orbe catholico, determina que fiquem suspensos por um anno, a contar da publicação da Encyclica em cada diocese, tanto a obrigação de denunciar os chefes occultos da maçonaria e das outras sociedades analogas, como a reservação da censura, em que incorrem os que n'ellas se filiam. E' este um acto da magnanimidade do Santo Pontifice, que deseja temperar a justa severidade, com que aprecia e condemna as sociedades secretas, prohibidas tambem pelas nossas leis, facilitando aos membros resipiscentes d'ellas as vias do perdão e da reconciliação com a Igreja. Fiquem entendendo, pois, todos os sacerdotes que exercem com a Nossa approvação o ministerio de confessor, que pela especial concessão do Summo Pontifice tẽem faculdade durante um anno, desde a data d'esta Nossa carta pastoral, para absolver da excommunhão, em que se acham incursos os membros das sociedades secretas, e para reconciliar com a Igreja aquelles d'esses membros, que, sinceramente arrependidos, as houverem abandonado com firme resolução de não mais as frequentarem. Praza a Deus que nenhum deixe de acudir n'esta occasião ao chamamento paternal do Vigario de Jesus Christo!

A presente Carta Pastoral e a Encyclica que a acompanha sejam lidas e explicadas á estação da missa conventual pelos revd.ºs Parochos e missionarios no domingo immediato ao dia da sua recepção, e nos dois ou tres domingos seguintes. Sejam depois registadas no livro competente.

Dada no Paço Archiepiscopal de Pangim, em 1 de setembro de 1884.

✠ Antonio, Arcebispo Primaz.

Provisão do Exc.º e Rev.º Senhor D. Antonio Ayres de Gouveia Bispo de Bethsaida Commissario Geral da Bulla da Santa Cruzada D-rigida ao episcopado portuguez

Antonio, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Bethsaida, Commissario Geral da Bulla da Santa Cruzada n'estes reinos.

QUANDO no remanso da oração e da meditação, a que nos iam acolhendo como a imperturbavel refugio, com a vida já decedente pelos annos e a saude enfraquecida por continuos desgostos e pelas fadigas inherentes ao largo tempo de professorado, nós esperavamos, com intimo anhelos e acima de tudo, a paz tranquilla e obscura do esquecimento, em que preparassemos melhor o futuro para o ultimo juizo, aprouve á Providencia Divina dispôr as cousas de modo que fossemos novamente expostos á evidencia rumorosa da sociedade e ás apreciações, nem sempre imparciaes e desapaixonadas, do publico. Prostrado no pó da terra só nos cumpre erguer as mãos ao Altissimo e clamar—«Seja feita a sua vontade».

O governo de Sua Magestade por acto exptaneo seu, e d'accordo com a Santa Sé, decidiu opportuno e conveniente para serviço da Religião e do Estado convidar-nos a tomar sobre nossos deves hombros o distincto cargo do Commissariado Geral da Bulla da Santa Cruzada, e o Augusto Hierarcha da Igreja quiz levar tão longe e tão relevantemente na mesma occasião a sua benignidade para conosco, que consentiu até em realçar mais na nossa humilde pessoa esse alto emprego com a altissima dignidade episcopal.

Se um sentimento natural d'exultação, ao sermos nós objecto de tamanha complacencia da parte do Pae Commum dos lieis, se assenhoreou desde logo do nosso animo, devemos tambem confessar que a nossa surpresa e confusão, ao sermos assim tão benignamente tratado por tão excelsa auctoridade, foram tanto maiores quanto aquella sobrevinha justamente na conjunctura em que o nosso espirito se deleitava no pensamento do mais completo retiro, favorecido pela jubilação na Universidade de Coimbra, e nos haviamos pela nossa parte dedicado de todo o coração a conseguir aquillo que, além de tudo e mais que tudo, devia adoçar a tranquillidade e obscuridade da nossa vida privada: a saber—a benção e approvação do Summo Pontifice.

Quando, pois, com affecto mais que paternal e a que nenhum grau de gratidão por mais intenso é bastante con-

digno, o Senhor Nuncio Apostolico n'estes reinos, o illustre Arcebispo de Sardia, se dignou communicar-nos a noticia de que o Santissimo Padre por sua immensa benevolencia, apagando em nós todas as maculas, illuminava com a Sua Santificadora benção o nosso humilde espirito deslumbrado, a nossa confusão foi extrema e ineffavel. Sabiamos sem duvida que durante mais de quatorze annos de vida sacerdotal não haviamos poupado esforços, embora segundo a insufficiencia das proprias forças, para corresponder da melhor maneira possivel ao espirito da nossa alta vocação, já celebrando o Santo Sacrificio e já subindo á tribuna sagrada para darmos perante numerosos e illustradissimos auditorios publico testemunho da sinceridade da nossa entrada, por graça divina, na carreira sacerdotal, da rectidão de nossas intenções, da adhesão inquebrantavel á cadeira de S. Pedro, e do nosso fervor pelo apostolado catholico. Sabiamos tambem que o nosso comportamento ácerca da nomeação para uma Sé episcopal do reino, tão distincta pela veneranda memoria dos seus Antistites, havia sido inteiramente passivo, não só não desejando, e muito menos solicitando, aquella mercê com que inesperadamente quiz honrar-nos Sua Magestade, ao voltarmos d'uma peregrinação aos Santos Logares, se não tambem procedendo em theor tal como se essa graça nunca tivera existido para nós desde o momento em que não a ratificava a Sucessor de S. Pedro.

Ora, se este nosso procedimento, constante e sincero, podia concorrer para carrear-nos desculpa e indulgencia, faltava todavia alguma coisa ainda para remover completamente toda a responsabilidade da nossa consciencia e para tornar-nos menos indigno de sermos olhado com clemencia e bondade pelo Vigario de Jesus Christo na terra. Cumpria sem duvida declarar e assegurar á Auctoridade Superior da Igreja que os obstaculos que se oppunham a provêr de pastor aquella illustre diocese já não provinham em maneira nenhuma da nossa parte, que estivemos sempre promptissimo e firmemente decidido a desistir d'essa nomeação, para que não contribuimos, directa nem indirectamente, para a qual não fomos ouvido e que jámais esperámos viesse cahir com todo o seu peso sobre nossos fracos hombros. E, por isso, foi bem do intimo da nossa alma que fizemos essa declaração ao governo de Sua Magestade acompanhando o nosso requerimento escripto de affirmações verbaes, quando soubemos que este acto podia ser efficaç a fazer provêr digamente aquella diocese e livrar para sempre a nossa pouquidade d'um peso de tal natureza. E tambem a occasião nos pareceu pro-

picia para outro acto de maior magnitude, e foi este o de protestar e confirmar com o mais entranhado convencimento ao Santo Padre os nossos sentimentos de filho submisso e devotissimo á Egreja, que pôde por humana fragilidade errar e errou, mas que ficou sempre firmemente unido á fé catholica recebida desde o berço e afervorada na puericia por paes obedientissimos á Cadeira infallivel do Successor dos Apostolos, e que se julga feliz de declarar, condemnando os seus erros, que crê e quer o que a Santa Egreja de Roma e o Seu Chefe Soberano mandam crêr, e condemna e detesta o que condemnam e detestam

Tudo isto, ousavamos ao menos esperar-o, podia attrahir sobre nós, posto que indigno e conscio de haver, por desgraça nossa, podido suscitar n'outro tempo justa desconfiança, emittindo talvez da propria cadeira de professor, ainda que sem malicia nem pertinacia, proposições arriscadas e erroneas... podia attrahir, dizemos, sobre nós arrependido uma palavra de benção do Pae amoroso das nossas almas, uma palavra que no silencio e no refugio do nosso viver obscuro e privado nos servisse de conforto e de amparo. Oh! mas quanto mais puro e mais doce seria agora o nosso regosijo, se o nosso filial e devido procedimento não houvesse conseguido senão attingir este nobilissimo e ambicionadissimo intento.

Quiz, porém, Sua Santidade, na sua ponderada, livre e superior decisão, acolhendo as postulações de Sua Magestade que, além do implorado e inapreciavel favor da sua benção, nos pertencesse o encargo tambem do Commissariado Geral da Bulla da Santa Cruzada, unido á alta dignidade que nos sublima a tomar parte na lustrissima cohorte dos que o Espirito Santo pôz a reger a Egreja de Deus. Ora, se com esta decisão do Vigario de Christo na terra se demonstra por um lado a superior disposição da Divina Providencia, á qual reverente nos submettemos, e se igualmente com essa mesma decisão nos sentimentos esforcado e estimulado a responder do melhor modo que em nós caiba á alta mercê do Summo Pontifice....; ah! quanto por outro lado é agitada e commovida a consolação que experimentamos e quão cheia de trepidação e d'assombro a nossa submissão! Manifestada assim a vontade suprema e indiscutivel de quem não tem na terra superior ou emulo, readquirimos, sim, com ella o direito e o dever d'entarmos a descoberto com a palavra e com a penna, logo que as circunstancias o exigirem, no combate ferido pela causa sagrada da religião catholica que illustra as tradições mais gloriosas da patria; mas o nosso corpo

resente-se debil e alquebrado, mas a nossa intelligencia mostra-se tarda e enfraquecida, mas a vontade, apesar do intimo desejo, já nos não estimula com os impetos varonis que outr'ora o animavam.

E, sobre todas estas circumstancias em si tão graves, acresce ser na verdade o encargo tão laborioso para satisfazer se cumpridamente, encerra a sua administração tão delicadas e sublimes faculdades e exige tanta prudencia, aliada á mais acrisolada energia, que ninguém pôde confiadamente sentir-se ou confessar-se apto para bem o preencher. E, depois, os fins d'esta pia instituição pontificia são de tal maneira proficuos que a minima quebra ou desfalque nos meios de os alcançar redonda sempre em incalculavel detrimento publico. A criação de novos e a manutenção e melhoramento dos antigos Seminarios, em que se eduquem sacerdotes dignos da elevada missão que lhes incumbe, sendo, como é, o seu primeiro e principalissimo fim basta a demonstrar-lhe a importancia. E, quanto a sociedade aproveite com um clero profundamente instruido nos seus deveres, mais claro se sente no convencimento proprio do que pôde explicar-se em devidas phrases. Nem a occasião d'isto se apropositava agora. E, se indiciamos esta importante applicação dos meios obtidos, é apenas para declarar melhor o gravissimo e natural temor que nos atterra de não lograrmos attrahir com viva sympathia, em favor da devota instituição que somos chamado a reger, a piedade, a confluência, a dedicação e a generosa caridade dos fieis; e porque sem estas virtudes operosas e constantes, manancial exclusivo dos recursos indispensaveis aos altissimos e civilisadores fins que tem em vista e constituem a sua existencia, a nossa commissão redundaria vergonhosamente para nós em desbarato e ruina completa da pia concessão pontificia.

Todas estas enormes dificuldades nos sobressaltam e atemorizam considerando-lhes a tremenda responsabilidade em presença da nossa pouquidade e fraqueza. E tanto mais quanto nos consta não faltar, entre os proprios catholicos, quem, acordando as nossas passadas culpas, não quer tenazmente reconhecer o beneficio da nossa boa vontade e do nosso arrependimento. Perdoadamos-lhe, que assim nol-o ordena a lei de Jesus Christo, á qual nos gloriamos de pertencer e esperamos ser fiel, perdoamos-lhe de todo o coração e sem a minima sombra de reserva. Mas, ah! que se esses têm a peito os interesses da religião, como deve presumir-se, importa reflectirem que podem prejudicar infinitamente menos a nossa humilde pessoa do que a valiosissima ins-

tuição cujo regimen nos foi commettido. Na precipitação dos seus juizos julgaram-nos talvez, e julgam-nos ainda, muito peor do que somos. Ninguém é isento de defeitos, e o indigno Bispo que escreve estas linhas menos que ninguém; mas ainda assim, por mercê de Deus, nem é o perverso herege, nem o impio mação que querem dizer; antes, pelo contrario, se gloria de ser catholico e só catholico, d'estar com o Papa e d'adherir plenamente aos ensinamentos contidos nos seus actos e na sua nobilissima Encyclica contra aquellas associações que as proprias leis do reino condemnam e castigam.

Dizemos isto, quicá *ut minus sapientes*, mas dizemol-o porque o opposto, além de falso, seria tambem sensivelmente nocivo aos dignissimos interesses religiosos dependentes da administração a nós confiada, á qual d'ora avante consagraremos a vida inteira. E, de mais, se o Augusto Chefe da Egreja acolheu benevolamente as nossas declarações, a ponto de exaltar-nos a esta eminente dignidade que nos sossobra de confusão, porque não devem essas ser com maior plausibilidade e razão acceites pelos simples fieis?

Mas, enfim, será pelos nossos actos que aspiraremos no futuro a ser julgado, e oxalá possamos assim evidenciar a completa sinceridade de nossos sentimentos. E, embora saibamos que as nossas forças, sempre poucas, são já agora sobressaneira debeis para corresponder devidamente á inexcedivel benignidade com que tanto nos obriga o Pae commum dos fieis, empenhar-nos-hemos em diligenciar-o ao menos, cumprindo com perseverança inquebrantavel qualquer determinação do Seu poder soberano, exorando em fervorosas preces o auxilio de Deus Omnipotente e excogitando com as mais desveladas finezas e aproveitando sem tregua os melhores processos de não apparecermos de todo indigno da trabalhosa obrigação em que desde este momento ficamos investido e que, por esta nossa forma de provisão, levamos ao superior conhecimento de Vossa Eminencia ou Excellencia).

E' nosso vivissimo anhelos que durante os annos longos ou breves que presidirmos á direcção dos negocios da Bulla da Santa Cruzada não minguem nas nossas mãos os seus rendimentos e antes se accrescentem copiosamente: e porisso lidaremos sempre por alcançar que as despesas diminuam, melhorando a economia com sensata poupança e estudando previamente com animo sereno a organização dos varios ramos de serviço. Entramos ás cegas, convem confessal-o e só por inteira obediencia a Quem de tão alto nos manda e em cujo exercito somos infimo soldado;

mas entramos resolutos a seguir sem tergiversar os dictames do dever.

Em conclusão, pois, do que levamos dicto e usando da Auctoridade Apostolica que nos foi conferida pelo Breve de 6 de Novembro de 1884, e segundo o disposto no § unico do artigo 8.º do Decreto de 20 de Setembro de 1851, havemos por bem subdelegar, deputar e nomear para Commissario Apostolico da mesma Bulla no Patriarchado, Arcebispo ou Bispo de... o Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal Patriarcha, ou Cardeal Bispo, ou o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo ou Bispo de... ou quem suas vezes fizer, e assim lhe conferimos, como pelo alludido Breve nos foram conferidas, todas as facilidades necessarias para que dentro dos limites do mesmo Patriarchado, Arcebispo ou Bispo, segundo o seu prudente arbitrio, mas em plena conformidade com o theor da Bulla da Santa Cruzada e dos respectivos summarios, autorizados e referendados por Nós, possa dispensar nas irregularidades, fazer composições nas quantias que excederem a duzentos mil reis, e, em summa, exercer todos e quaesquer actos d'aquella jurisdicção que por Apostolica auctoridade nos compete em toda a monarchia acerca dos negocios da mesma Bulla.

E, para assim constar em todo o tempo e onde convier, mandamos ao Secretario e Director Geral da Secretaria da Junta Geral da Bulla da Santa Cruzada que faça escrever e registrar convenientemente esta nossa Provisão e ao (Eminentissimo ou Excellentissimo) Prelado acatadamente encomendamos que seja tambem registrada nos livros competentes.

Dada em Lisboa sob o nosso signal e sello das nossas armas aos 24 de Novembro de 1884.

Logar do ✠ sello.

Antonio, Bispo de Bethsaida

Commissario Geral.

* SECÇÃO RELIGIOSA

Mintamos sempre!

(conclusão do n.º antecedente)

Que esplendidas mentiras não jorram d'entre o martello e a bigorna secular donde jorram, atravez de uma gerba scintillante de chispas de graça, e de espirito, as fabulas da papiza Joanna, de Gregorio 7.º e dos amores de Pio 9.º, improvisados por Leo Taxil, o cynico!

Uma vez que se lisongeiem palradas res viciados, que importa que seja á custa das reputações mais respeitaveis?

Todavia, é força confessar que os artigos fabricados nas fabricas succursaes, *Seculo*, *Folha do Povo* e *Semana de Loyola*, nem tem o triste desconto da habilidade com que a calumnia é forjada. A maior parte das vezes, a secção da chronica negra limita-se a dez linhas insossas de um ou dois escandalos sacerdotaes, succedidos lá ao longe, em terra estranha, outras vezes cá por casa, debaixo da responsabilidade criminal de um nome phantastico, ou de um pronome indefinido.

Por conseguinte, o escandalo é inverificavel, e o fim está obtido para os ineptos, para os facéis e para todos os que gostam de saborear fezes clericas, mesmo falsificadas. Felizmente, as falsificações estão perfeitamente em moda, e só resta falsificar a vida, para que a realidade se torne dispensavel.

Não, nós não inventamos. reproduzimos o que temos em outras folhas estrangeiras ou nacionaes, responderão a isto os jograes da *Folha do Povo* e C.ª, ou redigimos em local o que se nos refere em conversação. Dado e não concedido que assim seja sempre, é forçoso confessar que sois bem credulos, senhores jornalistas de má morte, que arrecadais tudo a sacco, e tudo deglutis sem escolha e sem trituração, como desesperados famelicos em tempo de sitio. Deglutis o verdadeiro como o falso, o verosimil como o inverosimil, o possivel como o absurdo. E chamais credulos aos catholicos!! O vosso criterio é uma especulação e a vossa logica é um extracto da *fiens elastica*, que conseguistes acclimar n'este paiz temperado.

Quem attentar por um pouco no zelo febril com que estes boleguins estipulados afuroam, e subfarejam os crimes e as faltas do clero para immediatamente atiral-as aos quatro ventos da publicidade como uma aquisição preciosa, diria que toda aquella legião republiceira da imprensa é impecavel.

Se os indefectíveis fazem a devassa do santuario, e pugnam pela sanctidade dos que d'ella devem ser modelos, não estarão acaso no seu direito? *Honui soit qui mal y pense*. Mas não. A perfeição só pertence a Deus, e Deus é infinitamente mais indulgente que os homens, sendo o unico que poderia ser enoxoravel com direito.

Cousa notavel! A severidade em julgar os desmandos alheios está, de ordinario, na razão directa dos proprios desmandos do censor. A virtude não é facil em condemnar o mal, porque muitas vezes nem o cuida, e a perversidade do homem entra a miudo como segunda premissa na conclusão de um juizo desfavoravel sobre a vida alheia. Este

principio fulmina d'alto a baixo os clerofagos do mundo inteiro. Elles estigmatizam em uma classe inteira e de bom costado os seus proprios erros. Trocam nomes e escrevem a chronica vergonhosa de casa. Lavam a roupa suja na praça, em pleno lava-deiro publico, como se fora de outro dono, e os donos são elles mesmos, quando estão innocentes dos escandalos que propalam, vivem incursos em uns certos peccadilhos insignificantes, que se chamam *delictos*, e que, quando conhecidos, se colleccionam no museu... das enxovias.

«Aquelle d'entre vós que é sem peccado atire-nos a primeira pedra.» Ah! que *Semana*, não de *Loyola*, mas de *Bohemia* não poderíamos nós redigir se tivéssemos consciencia e estomago para assoalhar as ignominias dos nossos accusadores. Não careceríamos de longa vereação para sermos exactos, nem da bobina da calumnia para d'ella extrahirmos escandalos á vontade. Os seus auctores não procuram sempre a sombra, temem até muitas vezes a deploravel franqueza do escandalo espectacular e envaidecido, que irrompe na publicidade com todo o impudor de um acto irreprehensivel. Mas para vereadores não temos geito nem feitio, como tão pouco o temos para redactores de devassas. Apenas digo que seria para desejar que os precitados jornalistas, que tem a *generosidade* de reconhecerem Jesus por um philosopho insigne e pelo homem por excellencia da verdade e do bem, se lembrassem que foi elle que disse do alto da sua auctoridade soberana e da sua mansidão incomparavel, «aquelle d'entre vós que é sem peccado, atire a primeira pedra». Os phariseus, a quem esta palavra terrivel e dulcissima foi dirigida largaram das mãos os seixos com que hiam apedrejar a pobre adúltera, e foram desfilando uns apoz outros. Mas provavelmente os nossos mais insidiosos apostados pertencem a outra escola menos tímida, e a admiração que lhes merecem os conceitos do Homem-Deus não passa de uma admiração platónica.

Porem é necessario ser justo para com elles. É necessario dizer-lhes que não se limitam a reproduzir sem criterio, mas que caluniam com a maxima facilidade, ou não fossem discipulos de Voltaire.

Não os injurio n'isso. Se se honram de uma couza, devem honrar-se da outra. *Nobreza* obriga. De mais, os fins justificam os meios, pois não?

E a calumnia tem até a vantagem de se poder construir a capricho, artisticamente, com todas as precauções de verosimilhança com todo o calculo e visos de probabilidade, n'uma palavra, de parecer mais verdadeira que a pro-

pria verdade, que não se importa de ser improvável, porque é a verdade.

Ora que calumniam é certissimo, porque por mais do que uma e do que tres vezes os tenho colhido em falsidade manifesta

Indigno!

Indigno e despresivel é o periodismo que ousa vibrar semelhante arma, que não cõra de macular todos os dias o papel com o vomito negro do alsiue conhecido por tal. E' a maior profanação e aviltamento da imprensa que se possa conceber, o mais flagrante abuso da palavra que se possa commetter.

Atear na opinião publica o incendio do odio com o brandio da mentira escandalosa, empunhar uma penna para lavrar accusações que recebem os desmentidos pungentes e incorruptiveis da consciencia, vingando-se da mão que os lavra, transformar um sacerdocio augusto como o da luz em uma prostituição peor que a dos alcovees, e trocar o activo do embuste nocivo e desbragado pelo passivo de um dinheiro roubado.

Indigno.

Tal é o veredicto severo mas iniludivel que cabe, tão vertical como o braço da justiça, sobre o jornalismo que se vota a tão ignobil officio.

A de mais de tudo, este systema de fazer republica, como a poderia fazer em Paris no tempo da Communa vermelha um Rochefort ou um Félix Piat no *Indépendant*, este systema, digo, é de uma inhabilidade prodigiosa. Sabiam ao menos representar o papel de apostolos. Não sejam tão esquerdos ou tão *podões* no seu officio, para empregar um termo um pouco chulo mas expressivo. Façam republica, que é ella em todo o caso melhor do que isto que temos, democratistem seriamente, theorisem a seu talante sobre o reinado de Astrea da aurea epocha em que o hymno nacional será a *Marselhesa* tocada pela banda de caçadores à porta do presidente da republica e em que o barreto phrygio coroará como uma crista de gallo a matrona symbolica do velho Portugal, mas não envolvam a religião nem o clero nos seus rompantes tribunicios de periodiqueiros. A massa do povo portuguez continúa a ser catholica. O catholicismo «continua a ser» (com licença da Carta) a religião do Estado e o que vale bem mais, a religião do paiz. Se querem desmonarchisar o povo para democratisal-o não será com certeza mostrando-lhe todos os dias que democracia é synonyma de impiedade ou de demerocracia, não será insinuando-lhe constantemente que o Christo e os seus ministros (embora imperfeitissimos) são incompativeis com a senhora D. Marianna. Não, porque então o povo comprehenderá que o que lhes vem imbatir pelo melhor dos go-

vernios possiveis é a mais abominavel de todas as anarchias, porque colloca na base do edificio social a destruição de toda a creença religiosa e o anniquilamento do clero, condição essencial de todo o culto. Deem balanço aos assignantes que se tem riscado dos seus jornaes e achar-me-hão razão. A «Semana de Loyola», papel nojento que nem as mercarias queriam para embrulho, terá a sorte da phytica galopante, se o meu juizo me não engana.

Ninguém gosta de emeticos.

Todavia, ávante. Proseguí, proseguí na faina gloriosa, homens da calumnia. O que vos assevero, é que o clero desprestigiado, inflamado, porem sustentado pelo braço de Deus, assim como assistiu ao enterro de Voltaire e Diderot, assistirá tambem ao vosso, vivo sempre e immorredouro, para apontar ás gerações que passam que em vão se pretende expungir a organização social do catholicismo, estabelecida pelo que podia e pôde mais que vós.

P.º SENNA FREITAS.

~~~~~

Sagração de Sua Exc.<sup>a</sup> Revd.<sup>ma</sup> o Snr.  
Arcebispo de Mitylene D. João Rebel-  
lo Cardoso de Meneze

 DIA 7 de Dezembro de 1881  
passará á historia de Santarem, marcará uma brilhante pagina nos archivos do Seminario Patriarchal, e assentará nos fastos da Egreja mais uma columna que ella viu erguer-se sobre uns pedestaes de rocha firme contra a qual vêm bater as encapelladas ondas das borrascas e tempestades da furiosa impiedade, sem que a barca de Pedro sob o appellido de Leão jámais possa sossobrar.

A monarchica villa de Santarem narrará na sua historia um facto do qual ella foi testemunha ocular e para o realce do qual ella contribuiu com suas alfaías, brazões, e louçanias.—Os nobres, os cavalheiros cidadãos santarenes mostraram condigna e airoosamente que não são tão indifferentes nem tão insensiveis para com o que é religioso como geralmente se pensa.

Haja ou não entorpecimento na sua sensibilidade, é certo que toda Santarem, podemos affirmar sem receio de errarmos, como que despertada pelo maravilhoso e extraordinario, concorreu deslumbrantemente para a digna recepção e hospedagem dos *inclitos hospedes* que n'esta occasião a vieram visitar, despojando-se de seus ornatos, mobilia e baixella para a ornamentação dos aposentos de suas exc.<sup>as</sup> revd.<sup>mas</sup> Sagrantes e Sagrando.

Mui extensa seria a lista dos benemeritos cavalheiros que merecem os maiores encomios, se n'estas curtas linhas houvessemos de os nomear a todos. Seja-nos comtudo licito citar alguns nomes que temos mais presentes na lembrança como os exc.<sup>as</sup> snrs.:

Presidente da camara e Reitor do Lyceu dr. Joaquim Maria da Silva, commendador dr. Julião Casimiro Ferreira, dr. José Manoel da Silva Anacheira, João Ribeiro, dr. José Dias, Alexandre Marques Sampaio, Pedro Canavarro, Diogo Rebello, Melicio, Adolpho Ferraz, Francisco Ramos, delegado do Thesouro, e as exc.<sup>as</sup> snrs.<sup>as</sup> D. Felicia Candida, D. Victoria Lobo Avila e muitos outros distinctos snrs. e snr.<sup>as</sup>, ajuntando a estas as dg.<sup>mas</sup> superiores dos Conventos que todas contribuíram para o adorno do Seminario e aos quaes o Seminario não pode deixar de agradecer.

Era pois no dia 7 dia de grande gala para o Seminario Patriarchal, de dia tudo enbandeirado, e de noite tudo illuminado recordava a entrada triumpante de um de nossos reis depois de uma illustre façanha nos campos agarenos; e se tanto não era p'lo menos tinha sido extraordinariamente preparada para a recepção dos Principes da Egreja Lusitana. Alguns alumnos e professores tinham de um modo deslumbrante armado e alcatifado o Corredor nobre, e na salla do concelho estava preparada para as auctoridades da terra e mais convidados, um lunch volante que o exc.<sup>mo</sup> Conego Prior do Salvador tinha adornado com todo o primor.

A egreja do Seminario Patriarchal estava ricamente adornada não só para se festejar a Padroeira do Reino e em especial do Seminario a Virgem Pura e Immaculada Conceição, mas ainda mais porque este anno devia a festa ser de maior luzimento commemorando o anniversario das congregações erectas em honra de Maria Santissima e por isso se recorreu a armadores da capital para virem elles proprios armarem o templo trazendo as armações mais brilhantes que realçassem a festividade.

Coincidindo pois a Sagração do Exc.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo de Mitylene com a festa do Seminario, que devia ter lugar no dia immediato, não podia o Dignissimo Sagrado encontrar o templo melhor disposto e preparado para tão augusta cerimonia.

Principiou esta às 10 e meia horas da manhã e terminou perto das 3 da tarde. Só quem assistiu a esta cerimonia é que pôde comprehender quanto ella tem de imponente, de magestosa, de grandiosa, de sublime, de bella em todo o sentido e jámais se fôr

verdadeiramente animada do sentimento religioso.

Nada de mais augusta e de surpreendente do que as ceremonias da nossa santa religião.

Ellas fallam ao coração, commovem nossa alma, inculcam-nos respeito e veneração, e de tal forma nos impressionam que insensivelmente nos achamos commovidos e extasiados perante aquelle divino sublime que em todas ellas transpira e nos arrebate.

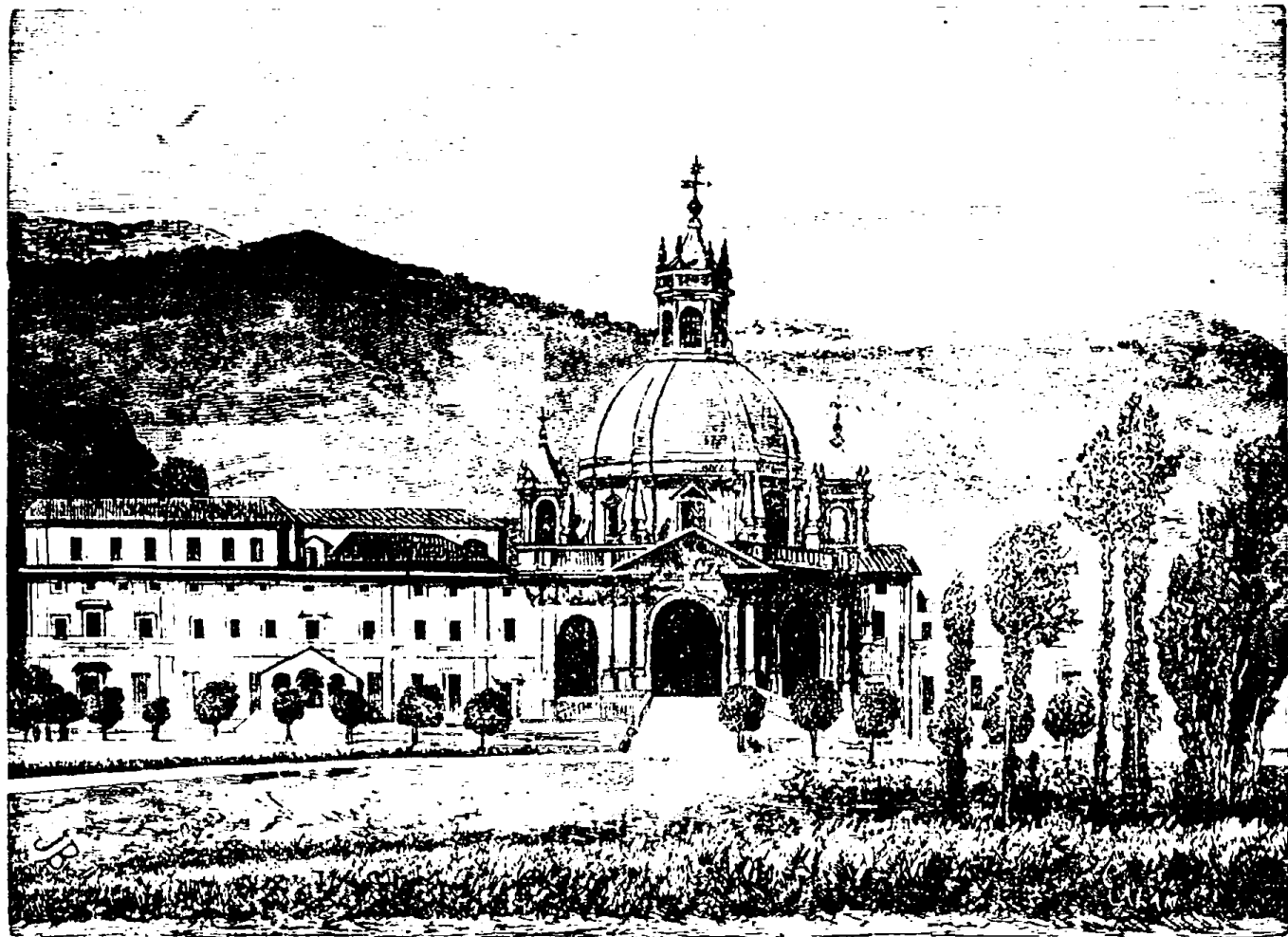
Cada palavra que o Em.<sup>mo</sup> Prelado

emoções, não sentiria elle bater seu coração, com a lembrança de que o Todo Poderoso, na sua infinita bondade tinha baixado os olhos para seu humilde servo e o elevava assim ao Summo Sacerdocio, ao Pontificado, dando-lhe ao mesmo tempo a plenitude da graça para poder corresponder a tão alto e sublime ministerio!...

O seu rosto deixava transpirar o que quer que é de extraordinario que em si se passava, era a coração da virtude no seio do sanctuario, preludio da

monias da Sè de Lisboa o revd.<sup>o</sup> Policarpo Felix e este coadjuvado pelo revd.<sup>o</sup> Prior do Sacramento de Lisboa Pedro da Costa Pereira, ambos dignos de todo o louvor pela mestria que tão habilmente desempenharam em função de tantas ceremonias, e de tanta exactidão e precisão.

Acabada a cerimonia da sagração, subiram em tempo competente os Exc.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mas</sup> Prelados juntamente com todos os convidados, à saia onde os aguardava o lunch, e os seminaristas



O CONVENTO DE LOYOLA

Sagrante proferia sobre o Dg.<sup>mo</sup> Sagrando, parecia calor na alma dos ouvintes, tanta era a unção com que as dictava, a presença d'espírito que o animava e a fé firme de que estava todo possuido exercendo tão magestosa e pontificalmente uma função ao mesmo tempo tão bella e sublime, como attrahente e commovedora.

O que se passou na alma do Sagrando no momento da sagração, elle só o poderá contar, porque a ninguém é dado escrutar o coração do homem: mas se nos fosse permittido n'aquelle momento da unção santa, penetrar no intimo no recondito de sua alma, de que jubilo, de que transportes, não estaria ella toda inundada? de que santas

immortal coroa que o Senhor lhe reserva como bom e fiel servo na patria celeste.

Foi sagrando o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José Sebastião Netto, e assistentes os Exc.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mas</sup> Srs. Bispos de Faro D. Antonio Mendes Bello e a de Macau D. Antonio Joaquim de Medeiros: fazendo-se representar o Exc.<sup>mo</sup> Snr. Nuncio Vanutelli pelo seu Dg.<sup>mo</sup> Auditor Monsenhor Tonti.

O Professorado do Seminario, o illustre clero de Santarem e alguns seminaristas acolytaram e ajudaram na cerimonia o Em.<sup>mo</sup> Prelado e Exc.<sup>mos</sup> assistentes, tendo sido primeiro instruidos pelo mui digno mestre de cer-

desceram ao refeitório onde pouco depois appareceu o novo Pontifice o Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo de Mitylene alegrando com a sua amavel presença a juventude estudiosa, e correspondendo aos joviaes vivas e entusiasticas saudações que os alumnos de theologia de preparatorios lhe levantavam.

A' noite depois da novena que Sua Eminencia quiz se repetisse para que os Exc.<sup>mos</sup> e Revd.<sup>mas</sup> hospedes a ella assistissem, cantada a Ladainha e dando a benção com o Santissimo o novo Pontifice de Mitylene, ficou o corredor nobre aberto de novo a todos os concivias e a toda a cidade para poderem disfrutar a brilhante illuminação que n'elle se tinha preparado. Foi n'esta

ocasião que uma comissão de seminaristas se dirigiu aos Exc.<sup>mos</sup> e Revd.<sup>mos</sup> Snrs. Bispos lendo-lhes um d'elles Francisco Augusto Xavier Rodrigues a seguinte felicitação em um soneto francez

### SALUTATION

A

Messeigneurs à l'occasion du Sacre de  
Monseigneur l'archevêque de Mity-  
lène Jean Rebello Cardoso de Menezes

### SONNET

Salut, Princes, salut; répétons salut  
Tous à l'envie, amis, aux Hôtes qu'on vénère;  
Ils nous portent bonheur, Jamais il ne fallut  
Nous montrer si pressés, à fêter Ceux qu'on aime

Disons tous à la fois: Soyez lez bien venus  
Messeigneurs. En ce jour pour nous de si grand fête  
De benedictions qui rendent des élus  
Nous essayons que tout, à vous louer s'apprête.

Notre enfance, à jamais du Sacre si touchant  
Souvenir gardera bien plus qu'intéressant.  
Que vîmes-nous de près en ce beau Séminaire?

Couronner le Bon Prêtre avant que d'être aux cieux;  
Sa Grandeur Menezes orne le sanctuaire.  
Voilà ce qui vraiment charme et ravit nos yeux.

Um recitou um pequeno mas bello discurso felicitando o novo Principe em nome de toda a comunidade, de sua promoção e sagração episcopal.

Eis o discurso:

«Factos ha tão grandiosos e occasiões tão sollemnes na vida do homem que por mais insensível que seja o seu coração, e pouco propenso a experimentar os sentimentos grandiosos de regosijo e contentamento, não pode assim olhal-os indifferentemente sem que, como impellido por uma força superior, deixe de manifestar ingenuamente a sua alegria e entusiasmo por todos os meios mais proprios a significar no animo de todos o sentimento intimo de que se acha possuido.

E' que o Supremo Creador dotando o homem d'uma alma intelligente e capaz de conhecê-lo, e d'uma vontade bem ordenada e capaz de amal-o, concedeu-lhe tambem a faculdade de sentir pela qual em presença de factos que naturalmente o empressionam, elle mais facilmente se eleva à concepção do Ser Eterno e absoluto, e mais efficazmente move a sua vontade a amal-o.

Taes sam os effeitos que despertam os nossos corações, os factos sollemnes e religiosos altamente significativos e de tão grande importancia e influencia para o nosso bem espirital e temporal, como aquelle que hoje presenciámos.

Mais uma columna se ergueu para sustentaculo poderoso da Igreja, mais um pharol se levantou para irradiar sua luz no mar procelloso d'esta vida, mais um vulto gigante entre o muito respei-

tavel episcopado portuguez, tão digno de nossa estima tão merecedor dos nossos respeitos e venerações.

Sim, esse illustre sacerdote já por todos bem conhecido, já de todos venerado pelas suas virtudes e sciencia foi pela Providencia escolhido para Principe da Lusitania, e por felicidade nossa para Vigario Geral do Patriarchado.

Louvres pois a Deus por mercê tão grande, e graça tão especial.

Ela, pois, allegremo-nos todos e com toda a sinceridade d'alma felicitemos o o nosso Vigario Geral e rendamos-lhe os mais cordeaes e affectuosos parabens n'este dia tam solemne da sua sagração!

Saudemos tambem respeitosa-mente o nosso extremecido Prelado; o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Nuncio Apostolico de Sua Santidade; os Exc.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Snr. Arcebispo Bispo do Algarve e Bispo de Macau, que se dignaram honrar este Seminario com a sua visita, e ao Ex.<sup>mo</sup> Monseñor Auditor da Nunciatura Portugueza a quem pedimos a lineza de apresentar os nossos respeitos ao digno representante, n'este Reino, do Santo Padre, que ora rege a Sancta Igreja a quem dirigimos as nossas ovações sinceras e respeitosas clamando com todo o entusiasmo:

Viva o Santo Padre Leão XIII!

Viva o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha!

Viva o Novo Arcebispo de Mytilene!

Viva o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo Bispo do Algarve!

Viva o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Macau!

João Malachias Carretero.

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> dignou-se responder agradecendo do coração a tantas mostras de affecto e de consideração que lhe testemunhavam os Seminaristas de Santarem, comparando as demonstrações de Santarem com as dos seus antigos Seminaristas de Braga, via que a que deixava n'estes o encontrava n'aquelles, era n'isto em que elle se felicitava, humilhando-se deante do Altissimo que se dignou eleval-o á dignidade episcopal apezar da sua indignidade, mas esperando no entanto com a graça divina, poder servir com novo zelo a santa religião e a Igreja etc. etc.

Assim se passou o dia 7 de Dezembro de 1884 no Seminario Patriarchal lado cheio desde o romper da manhã até às 11 da noite no grande jubilo e perenne satisfação que tronxe ao Seminario e a Santarem a Sagração de Sua Ex.<sup>ma</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Snr. Arcebispo de Mytilene D. João Rebello Cardoso de Menezes.

P. J. A. T. N.

## SECÇÃO CRITICA

### Os nossos Bispos e a maçonaria

III

**T**EMOS reservada para hoje a publicação da notabilissima Pastoral do grande Prelado do Oriente, o Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo de Gôa, porque só hoje nos podemos occupar da Portaria do folhetinista Pinheiro Chagas, n'esta hora ministro da Marinha e do Ultramar.

No logar competente lá vae a Pastoral do digno successor de S. Francisco Xavier, como este sabio e santo Jesuita, Apostolo das Indias; e aqui, n'este logar de menos honra, e trazido pela mão d'um redactor do «Progresso Catholico», arrastamos o Snr. Ministro da Marinha, por que só assim, a coberto de nosso nome, elle podia occupar, com um escripto seu, as columnas d'um periodico catholico.

N'este logar, onde só tem cabida a honra e a dignidade, nada valem as fardas agaloadas dos soldados do Rei, nem os mantos constelados de lentejoulas, que cobrem os altos dignatarios do Estado. E os mesmos arminhos da realaleza, as pedrarias que fulgem na corôa dos monarchas, são nada perante nós, quando fardas e mantos, arminhos e corôas, se não curvam, como nós, diante da figura veneranda do Vigario de Jesus Christo.

Esqueçamos, pois, o respeito devido ao Rei fidelissimo, ao Rei que se cobre, nas grandes festas da corte, com a bandeira que assombrou Affonso Henriques em Ourique e Val-de-Vez; que deu gloria a D. João I em Aljubarrota e Ceuta; que levou á victoria os portuguezes em 1640, e que se arvorou, sobre os destroços de Napoleão I, nos cerros do Bussaco. Esqueçamos tudo isto, e fallemos aos censores dos Bispos.

Copiemos antes, do «Diario do Governo» n.º 245, de 27 de outubro de 1884, a chagadissima Portaria do Snr. Manuel das Chagas, do homem que fôra chamado de cazerua para uma das redacções dos jornaes baratos, e d'esta para os conselhos da corôa.

Leia-se, e se é possivel, pasme-se: «Tendo constado a Sua Magestade El-Rei que o reverendo Arcebispo de Gôa, Primaz do Oriente, publicou uma pastoral, datada de 1 de setembro do corrente anno, com o fim expresso, segundo as

proprias palavras do referido Prelado, de dar conhecimento official aos fieis da sua archi-diocese da encyclica *Humanum genus*, promulgada em Roma a 20 de abril de 1884, pelo Santissimo Padre Leão XIII, e sabendo, com pezar e estranheza, que o reverendo Arcebispo Primaz, para satisfazer ao fim que tinha em vista, publicou, em seguida à sua carta-pastoral, a traducção completa da mesma encyclica, e ordenou que ella fosse lida e explicada à estação da missa conventual pelos padres e missionarios da mesma archidiocese;

Considerando que pelo § 14.º do artigo 75.º da carta constitucional da monarchia portugueza é direito exclusivo da corôa conceder ou negar beneplacito às letras apostolicas, beneplacito que não foi concedido ainda à encyclica *Humanum genus*, e sem o qual não podia ella ter nem publicação official nem execução;

Considerando que a fiel observancia d'estes preceitos constitucionaes, a que todos os Prelados portuguezes devem inteira obediencia, foi muito expressamente recommendada a todos os Prelados das dioceses do real padroado do ultramar, pela portaria-circular de 8 de agosto de 1863;

Considerando que esta regalia da corôa, que passou da antiga legislação da monarchia portugueza para os codigos modernos, constituindo um direito legitimo para a sociedade civil sem atacar as legitimas isenções da Igreja Catholica, foi sempre reconhecida pelos Summos Pontices, e não só acatada, mas zelada e mantida por todos os Prelados, que se prezam tanto do seu titulo de cidadãos portuguezes como da elevada hierarchia que possam ter na Santa Igreja Catholica, e que, segundo as sagradas maximas de Jesus Christo, sabem conciliar o que devem a Deus com o que devem à sociedade e ao poder civil, que tem a missão de lhes dirigir os destinos;

Considerando ainda Sua Magestade El-Rei que, se lhe cumpre como soberano catholico e padroeiro das egrejas do Oriente, fundadas e radicadas pelo zelo dos seus maiores, favorecer o desenvolvimento e o esplendor do catholicismo oriental, e honrar d'essa forma as tradições dos monarchas seus antecessores, que tanto trabalharam por ampliar os dominios da fé, não tem menos rigoroso dever de manter sem quebra as prerogativas da corôa, por esses mesmos soberanos

sustentadas e defendidas na propria occasião em que davam do seu zelo pela fé as mais inequivocas provas;

Considerando, enfim, que os Prelados da Santa Igreja Catholica se honram e se exaltam, em vez de se humilhar, quando dão aos fieis sujeitos ao seu poder paternal, entre os exemplos de todas as virtudes christãs, o exemplo do respeito pelas leis do paiz e pelas prerogativas regias, como se honrou S. Francisco Xavier, que pôde bem servir de modelo a todos aquelles que exerçam o apostolado no Oriente, ainda que estejam no mais alto degrau da hierarchia ecclesiastica, quando submetteu as letras apostolicas de Paulo III ao beneplacito do rei de Portugal;

Attendendo, porém, a que Prelado tão conspicuo por suas letras e virtudes, como é o reverendo Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente, não podia ter procedido de um modo incorrecto, como procedeu, senão por precipitação ou erro de informação, o que, em assumpto tão grave, não pôde, ainda assim, passar sem reparo;

Manda o mesmo augusto senhor, pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e do ultramar, communicar ao Reverendo Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente, o desagrado com que soube da publicação official feita pelo referido Prelado, da Encyclica *Humanum genus*, e a esperança que nutre de que nunca mais facto analogo se repita, para que não seja forçado a proceder com a energia que o assumpto reclama, usando dos meios que, por maior que seja a magua que o punja, não hesitará em empregar para manter, seja contra quem for, o respeito devido às leis do reino e às prerogativas regias.

Paço, em 25 de outubro de 1884.  
—Manuel Pinheiro Chagas.

Bravo! apoiado! Palmejamos com frenetico enthusiasmo a Portaria do snr. Pinheiro Chagas! E, nem ella menos merece.

Analysemol-a, ou antes, refutemol-a, visto que nenhum respeito nos merecem, como já dissemos, as fardas agaloadas dos ministros d'Estado, que insultam os descendentes dos Apostolos.

Mas já que é costume, tempos ha, de escolher os conselheiros da corôa, principiando pelo lim da escala, nós vamos tambem analysar a Portaria do snr. das Chagas, principiando de baixo para cima. E' costume, vamos com o costume.

Deixando em claro o *attendendo*, que S. Exc.ª Rev.ª só podia proceder como procedeu, *por precipitação ou erro de informação*, porque estas palavras mostram bem a giria d'um noticiarista de gazetas, que sempre se desculpa com as más informações, passemos a refutar o 5.º Considerando em que o snr. Pinheiro Chagas diz que S. Francisco Xavier submetteu as *letras apostolicas de Paulo III ao beneplacito do rei de Portugal*.

O Snr. Chagas refere-se certamente aos Breves (estes *litteratos*) não differenciam Breves de Bullas) de Paulo III, nomeando S. Francisco Xavier legado Apostolico nas Indias, e recommendando-o aos Principes da costa oriental de Africa, Indias, etc. Não é a outras que se refere e por isso vamos provar-lhe que S. Francisco Xavier não submetteu ao beneplacito do rei de Portugal os breves de Paulo III, mas sim, que o rei de Portugal as sollicitou do Papa, e as entregou ao Santo Jesuita.

O Snr. Pinheiro Chagas, amigo de romances, e romancista, não conhece, de certo, uma obra, publicada sob o titulo seguinte: *Oriente conquistado a Jesus Christo, pelos padres da Companhia de Jesus, da provincia de Gôa*, e como a não conhece vamos d'ella extractar o que chega, não para ensinar o ministro do Rei de Portugal, que obrigação de tanto nos não cabe, mas para mostrar aos leitores do «Progresso Catholico», que o ministro da marinha, do reino que amedrontou o mundo com o valor de seus marinheiros, não sabe, não quer, ou não pôde dizer a verdade em cousas respeitantes à Igreja.

Diz o livro apontado, fallando dos breves de Paulo III, que foram entregues a S. Francisco Xavier:

«.....»

Acabada a sua romaria, voltou a Lisboa, (1) e antes de se embarcar para a India, o mandou El-Rei chamar, e lhe encommendou encarecidamente a conversão dos infieis, a doutrina e confirmação na fé dos novamente convertidos, os costumes e vida dos portuguezes; que visitasse as fortalezas e presidios, procurando extirpar os abusos e remediar as desordens dos capitães e feitores de sua fazenda, e o avisasse por cartas de tudo quanto julgasse ser conveniente ao serviço de Deus, e da corôa. E para que pudesse com maior auctoridade, e

(1) Refere-se a S. Francisco depois da romaria que fizera a Nossa Senhora de Nazareth.

com menos contradicção manejar o negocio da conversão das almas em tão distantes paizes, lhe entregou quatro Breves, nos quaes o Summo Pontífice Paulo III. o creava a elle, e juntamente ao Padre Mestre Simão, ou a qualquer d'elles em particular, seu Nuncio e da Sé Apostolica, em todas as provincias descobertas além do Cabo da Boa Esperança. Mas como o Padre Mestre Simão ficou em Portugal, perseverou a dignidade em Xavier. O primeiro Breve se expediu em Roma aos 27 de julho de 1540: o segundo, mais amplo em poderes, aos 2 de Agosto: o terceiro e quarto aos 4 de Outubro do mesmo anno. Os dous primeiros contêm os poderes da Legacia; no terceiro os recommenda o Pontífice a todos os Principes e Senhores da Costa Oriental de Africa, Mar Roxo, Sino Persico, e de ambas as Indias aquem e além do Ganges; e no quarto a David Imperador da Ethiopia».

Pelo que ahi fica, e a que damos todo o credito pôde ver o Snr. Pinheiro Chagas, que com a sua Portaria quiz intrujar o publico, e verãõ também os leitores do «Progresso Catholico» a verdade historica com que falla um ministro da corõa, o homem a quem estão confiados os interesses das nossas maiores glorias.

O que o Snr. Chagas diz que S. Francisco Xavier submetteu ao beneplacito do rei de Portugal, são os Breves do Santo Padre Paulo III, sollicitados, certamente, pelo Rei de Portugal, o que faz muita differença, tanta como faz o Snr. Chagas dos ministros do Rei de Portugal, que levaram as santas chagas de Christo a todas as terras.

Julgamos ter arrumado de vez o Snr. Chagas, mas como promettemos provar ao seu collega o Snr. Lopo Vaz quaes os estylos do reino acerca dos actos Pontificios, fallaremos ainda a ambos brevemente.

*Elias de Sampaio.*

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### A torre de Belem

**E**IS-NOS diante de um monumento venerando, do mais venerando monumento que nos recorda o reinado mais glorioso, da epocha mais esplendida da monarchia portugueza. A torre de Belem, essa atalaia fortissima, que o estrangeiro encontra ao entrar a barra de Lisboa, recorda-nos a

epocha mais venturosa de Portugal, a epocha em que D. Manoel, o rei venturoso, via a seus pés, submissos, os potestades da India, gostosos, por subditos ser do rei mais feliz da terra. Sandemos, pois, a torre de Belem, que saudamos Portugal nos dias mais fulgidos da sua gloria e grandeza.

Escriptores distinctos attribuem a D. João 2.º o plano d'esta obra grandiosa, não vendo em D. Manoel mais que o continuador dos projectos arrojados do seu antecessor. Seja, porém, qual for a verdade, é certo que as armas do Rei afortunado se admiram na forte torre que atalaia a barra da capital do reino fidelissimo, e ou fosse elle o fundador ou simplesmente o continuador d'un plano grandioso, é certo que esse venerando monumento nos recorda uma epocha em que Portugal foi a primeira nação maritima do mundo, em que os seus ousados navegadores, juntamente com os destemidos missionarios do christianismo, levaram, a par do nome portuguez a civilização christã, a todos os povos, que viviam nas praias de *mares nunca d'antes navegados*.

Parce que D. Manoel lhe deu principio em 1495, e a ser assim como as testemunhas mais auctorizadas nos levam a crer, saudamos essa data, porque saudamos a affirmacão do nosso poder maritimo, saudamos uma epocha em que dominava em Portugal um espirito bem differente do que hoje domina, hoje que os Bispos, os representantes d'uma religião que nos fez grande, são insultados pelos successores dos que fizeram as glorias e o engrandecimento de Portugal

II

### O convento de Loyola

**A** SEGUNDA gravura do presente numero é cópia fiel do monumento de Loyola, d'esse esplendido conjunto de bellezas d'arte e de recordações historicas. Ha alli tudo que mais pode agradar a uma alma avida de trabalhos artisticos, e que mais satisfaçam o imaginar de espiritos altamente consagrados ao culto do bello, do grandioso, do sublime; mas o que mais torna digno da consideração dos homens doutos, esse vasto e venerando edificio, é ter elle, dentro de seus muros

o aposento, onde, depois do ataque de Pamplona, Ignacio de Loyola, inspirado pelo céo, formou a sua resolução de se consagrar a Deus, deixando a vida aguerriada dos acampamentos, pela vida silenciosa do claustro; o viver em meio dos combates, pelo pacifico viver do sacerdote catholico; o viver do soldado, em meio d'un campo de batalha, pelo viver do religioso empregado no serviço do Senhor.

Pouco distante do sitio onde se eleva o sumptuoso edificio, ergue-se a egreja parochial de S. Sebastião de Soreasu, na Guipuscoa onde foi baptisado Ignacio de Loyola, templo magnifico onde se conserva a pia que deu as aguas baptismaes ao homem mais celebre do seu seculo, pia que se acha despida de uma rica cobertura de prata, porque foi roubada pelos republicanos francezes, em 1794, inimigos, como os republicanos d'hoje, dos descendentes de santo Ignacio, e de todas as glorias do Christianismo.

Foi fundado este vasto edificio em 1862 por D. Maria Anna d'Austria, filha do imperador de Allemanha Fernando III, e viuva de Philippe IV de Hespanha. Todo o edificio apresenta marmores e pedrarias trabalhadas admiravelmente, e os quadros e pinturas que adornam o interior são obras dos mais afamados artistas. A cupula e zimbório que remata o edificio são esplendidamente formosos.

Perola de alto preço, que os amigos da... liberdade não souberam guardar, e que deixaram abandonada á acção destruidora dos tempos. Depois de passar por varias phases diz-nos o auctor que nos forneceu os apontamentos para esta noticia, que o grandioso monumento, se achava abandonado, como todos os mais, e entregue a uma sorte bastantemente triste.

Nós, condemnando o proceder dos vandalos de Hespanha, iguaes em tudo aos que em Portugal derrocaram os mais venerandos monumentos, ao apontar o vetusto edificio, que tem o nome de Santo Ignacio de Loyola, saudamos o audaz soldado da cruz, proclamando-o, e a todos os seus filhos, como o mais forte, o mais destemido, o mais aguerrido filho da Santa Egreja Catholica.

Salvé, convento de Loyola!

R.

## SECÇÃO LITTERARIA

AINDA S. DAMASO

Poesia que foi recita no Seminário de Braga na occasião do 15.º centenario de S. Damaso por um seminarista vimaranense (1).

Eu amo o rebramar do mar irado  
E o roncar da porcella;  
O rugir do leão esfomeado,  
E a tímida Gazella.

Tambem amo o regato que espumando  
Desliza na encosta;  
E o rolar da onda além quebrando  
Na penedia opposta.

Amo o silvar da brisa, doce, ameno,  
E tudo que conheço;  
Mas ainda mais meu berço de pequeno  
Eu amo eu estremeço.

Eu amo as açucenas que verdejam  
No prado espacioso;  
Eu amo as florinhas que vicejam  
No canteiro donoso.

Eu amo o chilrear das avesinhas  
Ao despertar d'aurora,  
E o arroio que vae pelas hervinhas;  
E amo os dons de Flora.

Sim eu amo-te, jardim de Portugal,  
Cidade linda e bella, Guimarães.  
Meu formoso vergel, fresco rosal:  
Magnanima cidade, parabens!

Amo-te, ó patria, que me foste ninho,  
Que o primeiro vagido me escutaste.  
Minha estrada infantil, jardim do Minho,  
Que o andar vacilante me guiaste.

Que gloriosos trophéus de ti não pedem,  
Ganhados por teus filhos valorosos!  
Es mãe d'Henriques: e de ti descedem  
Os Lusos pelas armas tão famosos.

Não Henriques sómente te corôa,  
Com 'splendidos trophéus a fronte augusta,  
Emquanto o duro bronze tudo atroa  
N'Asia distante ou lá na Africa adusta.

Mas outro filho tens que te ennobrece  
Co' uma aureola de Gloria rebrilhante;  
Damaso, cujo nome te enaltece,  
De sublimes virtudes radiante.

É Damaso, de Pedro um successor!  
É Damaso, de Roma um papa, um rei!  
É Damaso, da Igreja resplendor!  
É Damaso, pastor da nossa grei!

É Damaso, por quem te alegras tanto,  
Teu filho, teu palladio, tua gloria!  
É Damaso, o pastor, o justo, o santo,  
Uma pagina d'ouro em tua historia.

Porisso amo-te, flor de Portugal,  
Cidade linda e bella, Guimarães!  
Meu formoso vergel, fresco rosal;  
Magnanima cidade, parabens!

Braga, 11 de dezembro  
do anno de 1884.

Alfredo Antonio Teixeira Ribeiro.

(1) Esta poesia foi recitada pelo seminarista, nosso compatriota, Gaspar da Costa Roriz. Nota do director.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

**E**steve em Guimarães, e fez-nos a honra da sua visita o Ex.<sup>m</sup> sr. Banleo Lopes Freire de Gouvea, de Gonjorem. S. Exc.<sup>a</sup> de volta da Galliza onde foi em passeio, e estando n'esta cidade visitou o que ha n'ella de mais notavel, admirando tudo e muito principalmente a boa ordem e aceio que observou no hospital da Santa Casa da Misericordia, cujo estabelecimento visitou, acompanhado pela benemerita superiora das Irmãs Hospitaleiras d'aquella casa. *O que ali observei*, disse nos o nosso amigo, *é o que falta em todas as casas d'aquella ordem, que não estão confiadas aos cuidados das heroínas da caridade.*

Não se esqueceu de visitar o sanctuario de S. Torquato, e admirou o corpo incorrupto do glorioso martyr do Catholicismo, não só, mas a sumptuosidade do templo que se está construindo.

Agradecendo a honrosa visita, como os grandes serviços que S. Ex.<sup>a</sup> nos tem prestado, como correspondente do *Centro de propaganda catholica*, muito estimamos que o regresso a casa se effectuasse felizmente e que todos os seus o recebam de saude e no gozo de todas as felicidades.

Não passou em Guimarães a dia 8 de dezembro sem que a Immaculada Conceição da Santissima Virgem fosse festejada dignamente. Em S. Francisco constou a solemnidade de missa cantada a grande instrumental, sermão, e de tarde ladainha, e sermão, feito pelo Revd.<sup>o</sup> padre Domingos Ribeiro Dias, que provou evidentemente o dogma da Conceição Immaculada, a santidade da Igreja, a necessidade de seus mysterios; provando tambem, mais uma vez a fé e a crença catholica que o animam.

De manhã havia prégado o Revd.<sup>o</sup> Reitor de Mascotellos, cujo discurso nos não foi possivel escutar, por termos de assistir a outra festividade, na casa do Asylo de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos.

Aqui, depois da festa na sua igreja, teve lugar a distribuição dos premios ás alumnas de uma escola dirigida por Irmãs Hospitaleiras, solemnidade para que a redacção do *Progreso Catholico* foi convidada, distincção que muito agradecemos.

Esta festa escolar foi honrada com a presença dos dignos Juiz de Direito da comarca, Delegado do Procurador Regio, Presidente da Camara o mais pessoas, representantes de varias corporações vimaranenses.

Fizeram-se alguns discursos, que

primaram pela forma e elegancia, sobressaindo de entre todos pela ideia, o que pronunciou o Revd.º padre Abilio Passos, membro da direcção d'aquelle estabelecimento de caridade e educação catholica. A voz do padre era alli precisa e o Padre Abilio satisfiz essa necessidade. Os nossos parabens e o reconhecimento nosso, e da imprensa catholica que ali representavamos.

Da festa diremos que correu bem, ainda que façamos algumas reservas, motivadas pelo conhecimento que temos de iguaes festas realizadas em outras terras do paiz, e a pesar d'isso, damos, os nossos parabens á mesa directora, sem nos esquecermos de os dar tambem ás benemeritas Irmãs Hospitaleiras a quem verdadeiramente cabem as glorias d'aquelle dia, pelos trabalhos das creanças ali expostas.

Está de luto um dos collaboradores do «Progresso Catholico» e por isso nós vimos aqui, juntar as nossas ás lagrimas do amigo desconsolado, e unir as nossas ás suas orações.

A exc.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Francisca The-reza Coelho, avó do Rev.<sup>mo</sup> Snr. Padre Joaquim José Soares, entregou a alma ao Senhor, na sua casa e freguezia de Padim da Graça, no dia 9 do corrente, depois de se haver fortalecido com todos os Sacramentos da Igreja. Contava 75 annos.

No costume em que estamos de pedir as orações de todos os leitores para as pessoas amigas ou para as suas parentes, que deixam este valle de lagrimas, vimos hoje, amigos do «Progresso Catholico» pedir-vos uma prece pela alma da falecida senhora, avó de um respeitavel sacerdote, que tantas vezes tem honrado as paginas d'esta Revista.

Ajoelhae, pois, e offertae á segunda mãe do nosso amigo um P. N. e A. M.

Receberam a carta de conselho os Exc.<sup>mos</sup> e Revd.<sup>mos</sup> Snrs. D. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo de Mitylene, e D. Augusto Eduardo Nunes, futuro Arcebispo de Evora.

—No dia da sagração do Ex.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo de Mitylene fizeram em varias egrejas mais de 400 communhões e rezaram-se muitas missas por intenção do novo Prelado.

—O Exc.<sup>mo</sup> e Revd.<sup>mo</sup> Snr. Bispo de Bethsaida, D. Antonio Ayres de Gouvea, prégou em Lisboa o sermão da Bulla. Dizem que foi uma oração esplendida e catholica e até (chame ás armas Snr. Martins do *Continibicense*) ultramontano puro.

## BOAS-FESTAS!

AOS

nossos obsequiosos collaboradores, sollicitos correspondentes, catholicos assignantes, leitores em geral e collegas na imprensa catholica felicitamos ao recordar o dia em que raioi na terra

O SOL DA LIBERDADE

A REDACÇÃO

O dia 11 foi tambem de festa em Guimarães, como os nossos leitores viram pelo ultimo numero do «Progresso Catholico». A festa em honra de S. Damasco na igreja da sua invocação foi esplendida, grande, magnifica. A decoração do templo era formosa, a musica prenhe de harmonias, imensa a assistencia dos fieis. S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Snr. Arcebispo Primaz, querendo concorrer para o brilho e esplendor d'esta festividade, e não lhe sendo possível, como desejava, vir celebrar de Pontifical, ordenou ao Rev.<sup>o</sup> Arcipreste do julgado que viesse presidir á festa e que fizesse saber ao clero da cidade o prazer que sentiria se todo assistisse á festividade em honra do Summo Pontifice portuguez, e concedeu 40 dias de indulgencias a todos os fieis que a ella assistissem.

Grande gloria cabe a S. Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, porque nunca vimos tão grande numero de ecclesiasticos n'uma igreja (a não ser em dia de *officio geral*) e mais que o costume concorreu o povo ao templo.

Louvemos, pois, ao nobre e venerando Pri.<sup>az</sup> das Hespanhas, e louvemos tambem um vimaranense illustre e de entre os nossos amigos o primeiro, residente em Lisboa, que, não só concorreu com uma avultada quantia para a festa, mas se empenhou para que na igreja de S. Damasco se inaugurasse no dia 11 o Apostolado da Oração, mandando duas oleographias de muita belleza, e dinheiro com que as emmoldurar. Os nossos desejos são que esta obra produza dos frutos que em muitas partes vae produzindo.

Vá mais um louvor e concluamos. Seja ao nosso amigo Lencinio Fernandes da Trindade por ser o mais entusiasta Promotor da festa, o pelo formoso hymno que mandou vir e fez tocar sempre, durante os dias da festa. Raras vezes se faz aqui uma festa catholica, que as musicas não deesvirtuem

com a execução de hymnos que a ellas não são chamados.

J. de Freitas.

Dinheiro de S. Pedro

Subscrição para as necessidades do nosso Santo Padre o Papa

|                                                    |         |
|----------------------------------------------------|---------|
| Transporte do n.º 2. . . . .                       | 27\$800 |
| Das exc. <sup>mas</sup> snr. <sup>as</sup> :       |         |
| D. Francisca Emilia Correa Leitão . . . . .        | 1\$000  |
| D. Maria Amelia P. de Magalhães e Menezes. . . . . | 400     |
| N. S. . . . .                                      | 40      |
| Somma. . . . .                                     | 29\$240 |

Esta pequena quantia vamos mandal-a para Roma juntamente com a boa vontade e a mais franca dedicação para com Sua Santidade, de todos os leitores do *Progresso Catholico*.

Teixeira de Freitas

## EXPEDIENTE

Tem havido, contra nossa vontade, uma tal atrapalhação, occasionada com a impressão das cintas, que nos parece haver assignantes que não receberam o n.º 2, uns, e outros os n.ºs 3 e 4. A todos com quem se haja dado tal falta pedimos o favor de nos communicar os n.ºs que lhes falem para serem logo enviados.

Esta reclamação póde ser feita em um bilhete postal.

Em nome de Jesus, de quem celebramos todos o glorioso nascimento, pedimos desculpa d'esta falta, que não motivamos, e que, em nome da caridade christã desculpamos tambem.

Teixeira de Freitas.